

Masochismo e a noção de desamparo na clínica com mulheres

Cassandra Pamplona (UFPA)

Helena Melo Dias (UEPA)

Ana Cleide Moreira (UFPA)

Resumo:

Dando continuidade a nossa investigação clínica sobre a relação mãe e filha e suas implicações, partindo de um modo de subjetivação psicopatológico masoquista, nos centraremos, neste artigo, na noção de desamparo elaborada por Freud e outros estudiosos, para pensar a referida noção na sua articulação com o masochismo feminino. Observa-se, com frequência, na clínica com mulheres que vivenciaram na infância crueldades e castigos infligidos pela figura materna, que diante da possibilidade de ser abandonada pelo objeto amoroso, é produzido intenso sofrimento psíquico que as remetem à dor do desamparo. Nestes casos, supomos que a manifestação masoquista dessas mulheres pode ser compreendida à luz da noção do desamparo associada ao medo da perda do amor originário, entendendo-se a mãe como o primeiro objeto de amor tanto do menino quanto da menina, considerando ainda, o desamparo enquanto fonte do medo da perda do amor daqueles que representam proteção e abrigo. No entanto, no que se refere à menina, a possibilidade de perda desse objeto apresenta peculiaridades que afetam a tão difícil passagem pela castração e, conseqüentemente, da condição de menina à mulher.

Palavras chave: teoria psicanalítica; psicopatologia fundamental; masochismo; desamparo; relação mãe-filha.

Dando continuidade a nossa investigação clínica sobre a relação mãe e filha e suas implicações, partindo de um modo de subjetivação psicopatológico masoquista, nos centraremos, neste artigo, na noção de desamparo elaborada por Freud e outros estudiosos, para pensar a referida noção na sua articulação com o masochismo feminino. Observa-se com frequência, na clínica com mulheres, as fantasias construídas em torno da relação mãe e filha que reiteradamente comparece na fala dessas pacientes, com a emergência da memória infantil. A figura materna se faz presente, ainda mais quando se configuram relações amorosas conflituosas e virulentas com parceiros que, em alguns casos, tornam-se os algozes, agredindo, ofendendo, violentando-as moral e psiquicamente, e, põe em destaque ao que Freud denominou de masochismo feminino. Diante da possibilidade de ser abandonada pelo objeto amoroso é produzido intenso sofrimento psíquico que as remetem à **revivescência do sentimento primitivo** do desamparo. Nestes casos, na qual reiteradamente recorrem na vida adulta a modos de relações amorosas que atualizam essa vivência marcante de sofrimento psíquico, supomos que a manifestação masoquista dessas mulheres pode ser compreendida à luz da noção do desamparo, associada ao medo da perda do amor originário, entendendo-se

a mãe como o primeiro objeto de amor tanto do menino quanto da menina, e, considerando ainda o desamparo enquanto fonte do medo da perda do amor daqueles que representam proteção e abrigo.

Primeiramente, é importante observar que **reconhecemos em** Freud, desde 1897, na Carta 69 à Fliess, ao identificar as mentiras históricas de sedução, que não se tratam de fatos concretos de maus tratos, mas sim construções fantasísticas originadas do conflito edipiano e do *rochedo da castração* que fomentam a difícil relação mãe-filha. Todavia, Freud nunca deixou de tomar em consideração os efeitos traumáticos e, em 1937, em “Análise terminável e interminável”, afirma que na base da etiologia de todo distúrbio neurótico contém um fator de ordem constitucional e outro de origem traumática.

Partindo desse pressuposto, supomos que os maus tratos na infância contribuíram para um modo subjetivação psicopatológico masoquista nos casos dessas mulheres na vida adulta, que acabam por desencadear um sofrimento psíquico no qual a necessidade de punição se faz presente.

Articulação teórico-clínica:

Retomamos o caso que, no trabalho *Masoquismo e maus-tratos na infância*, tratamos de fragmentos clínicos de uma paciente de 28 anos, solteira, com terceiro grau que morava com os pais, embora tenha residido fora do estado quando realizava curso de especialização. Filha do meio com dois irmãos homens, já casados e que residem no mesmo prédio dos pais. Roberta, como passarei a chamá-la daqui por diante, procurou o atendimento psicológico trazendo como principal queixa o fato de vivenciar reiteradamente situações conflituosas com o namorado, divorciado, 12 anos mais velho, pai de duas filhas adolescentes, brigas acirradas com este, agressões verbais e constantes conflitos com sua família nuclear. Roberta percebe em si mesma, certo descontrole emocional para lidar com questões familiares, tanto da sua quanto da família do noivo.

Falar do pai é retratá-lo como uma pessoa de pouca conversa, exigente, extremamente autoritário, crítico, controlador e prepotente, que nunca foi carinhoso com os filhos, do qual ela admite ter um medo enorme. O genitor tem com a esposa uma relação de total submissão desta, o que a incomoda bastante a paciente que vê a figura materna como uma mulher *tapada* (sem instrução), no dizer de Roberta - *uma Amélia*. Segundo ela, o genitor é um *desajeitado afetivo*. No ambiente familiar inexistente diálogo e a mãe é constantemente desrespeitada tanto pelo marido quanto pelos filhos, inclusive

ela, atitudes que a revoltam bastante, mesmo que admitindo sentir-se culpada pelos constantes desentendimentos com a genitora.

Enriquez aponta o trabalho freudiano “Bate-se numa criança”, como inaugural sobre o masoquismo, do ponto de vista da gênese das perversões sexuais, cuja fantasia enquanto fonte de prazer e satisfação sexual (sádica e/ou masoquista), se traduz na vergonha e na culpa que a acompanham, acabando por dificultar o tratamento analítico. Na psicopatologia masoquista a relação entre os sexos e as gerações é concebida apenas em termos de dominação-submissão. Isso pode ser assim traduzido: “ser golpeado pelas palavras, tocar e ser tocado pelas palavras, gozar, sofrer corporalmente as palavras, são para o masoquista meios de satisfazer seus mais indestrutíveis desejos inconscientes”. (Enriquez, 1999, p.103 e 112)

O que se observa na dinâmica familiar de Roberta é um discurso de desqualificação feminina, onde a mulher é sempre colocada na posição de desmerecimento, de menos valia, tanto pelo marido quanto pelos filhos, e que se repete na relação de Roberta com o namorado que a manda calar, e que não a respeita. E que a trata sem a menor consideração. Esse discurso cultural bem brasileiro da “mulher Amélia” – mulher submissa, pronta a ceder ao desejo do outro, fez-nos refletir sobre o trabalho, “Diferentes momentos da evolução feminina”, no qual Fuks ressalta, na reconstrução da história das mulheres ao longo dos séculos, a dominação social do masculino sobre o feminino e a análise da posição ocupada pelo pai:

“As atividades valorizadas são as exercidas pelos homens; o masculino é designado por valores positivos e, o feminino, por valores negativos. Uma única função escapa a essa desvalorização sistemática: a maternidade – mas nem por isso a mulher deixa de ser uma “outra”, inferior e subordinada, tendo valor apenas a descendência que ela gera.”. (Fuks, 2002, p.105)

No complicado romance familiar e nas relações amorosas, Roberta já vivenciou inúmeros rompimentos, seguidos de pedidos de desculpas, em uma compulsiva repetição masoquista. Roberta parece confundir o prazer de ser amada com a dor de ser desprezada, como se deixasse humilhar fosse necessário para que pudesse sentir-se amada. Nessa trama familiar se configuram o desrespeito, uma virulência desmedida, e, agressividade particularmente com relação ao tratamento dispensado às mulheres: Roberta e sua mãe.

Essa intensa relação nos remete ao artigo de 1931, sobre a sexualidade feminina no qual Freud afirma: “o afastamento da mãe constitui um passo extremamente importante no curso de desenvolvimento de uma menina”, (Freud, 1931, p. 274),

todavia, neste caso, Roberta não consegue dar esse passo e repete, repete, repete! Tal qual sua mãe.

A rivalidade fraterna que a leva a sentir-se menos amada do que os demais irmãos, na relação com a mãe que, aos seus olhos, sempre toma partido por um deles, também nos traz à memória os “Romances Familiares”, quando Freud se debruça sobre as relações em família:

“A psicologia das neuroses nos ensina que, entre outros fatores, contribuem para esse resultado os impulsos mais intensos de rivalidade sexual. O sentimento de estar sendo negligenciado constitui obviamente o cerne de tais pretextos, pois existe sem dúvida um grande número de ocasiões em que a criança é negligenciada, ou pelo menos *sente* que é negligenciada, ou que não está recebendo todo o amor dos pais, e principalmente em que lamenta ter de compartilhar esse amor com seus irmãos e irmãs”. (Freud, 1909 [1908], p.243)

A conduta de sua genitora intensifica seus conflitos e parecem apontar para uma dificuldade desta mãe em lidar com suas próprias questões edípicas, além de revelar a violência a que também foi submetida. Roberta parece deslizar entre identificações fraternas inaceitáveis cujos atores são o pai-coronel e uma mãe-Amélia, embora negando tal evidência, repetia sintomas maternos já revelados por si mesma durante o tratamento que nos levam a pensar no que Freud chamou de ‘imitação histórica’, e que é originada de uma semelhança de elementos conservados no inconsciente do homem. (Freud, 1900, p.163)

Ao recordar episódios da sua infância que a marcaram significativamente, durante o processo terapêutico, a paciente revivia seu conflito edípico carregado de sentimentos ambivalentes, em relação às figuras materna e paterna. Rememorar esses fatos também significava ter que enfrentar todas as suas dificuldades no trato com a problemática identificatória com essas pessoas, visto que sentimentos de afeto e hostilidade manifestavam-se intensamente nessas sessões, causando-nos certo mal-estar contratransferencial e que se apresentava na ironia que eu imprimia às interpretações na tentativa de evidenciar a passividade e a submissão diante das reiteradas agressões que Roberta de alguma forma consentia por parte do objeto amoroso. Causa-me raiva e um sentimento de inconformismo diante do desrespeito e humilhações que a si infligia. Roberta parecia não conviver bem na calma, quando a virulência dava uma trégua, ela parecia não saber o que fazer, pressentia que um outro conflito estava por acontecer.

No percurso da análise Roberta recuperou lembranças infantis plenas de *pathos* e violência. Como numa ocasião em que a mãe estava no banho, e ela e o irmão

começaram a brigar por causa de um restinho de farinha de tapioca que disputavam. Quando já se engalfinhavam, a genitora saiu do banheiro enrolada numa toalha e, virou na boca da menina um copo inteiro de farinha. Nesse instante Roberta pensou que iria morrer, sem fôlego, engasgou-se, teve que ser socorrida pela mãe ficou muito assustada com o que, furiosa, fizera. Mas para ela própria era difícil reconhecer e admitir, não só a violência, como o fato de que teve sua vida efetivamente sob perigo nesse episódio de maus-tratos maternos. Suas recordações infantis desaguavam reiteradamente nas surras que tomava quando de suas constantes brigas com o irmão caçula.

A violência vivida na família não se restringia aos maus-tratos maternos. Em uma cena que ela relatou com dolorosa dificuldade, estava com uns seis anos, quando foi abusada sexualmente pelo avô paterno, que sentado na cabeceira da mesa, lugar de poder na família, ela de pé ao seu lado e, por debaixo da toalha ele passava a mão por seus genitais, enquanto ela ficava atônita e estarecida, sem saber o que fazer por um período que lhe pareceu interminável, até que alguém a chamou e ela se deslocou. Guardou esse como um segredo penoso que só veio revelar anos depois em sua análise, junto com esse mais outra revelação: o avô já tentara beijar sua mãe à força e foi expulso da casa por seu pai. Em regime de associação livre, traz à cena uma nova revelação: nas férias escolares em família, acordava inúmeras vezes, sem a parte inferior da roupa de dormir, o que atribuía aos assédios do avô paterno.

No trabalho intitulado “O problema econômico do masoquismo”, Freud (1924) vai apresentar o masoquismo sob três formas. Em relação ao primeiro – o erógeno – identifica um prazer-derivado-da-dor, que também acompanha as duas outras formas do masoquismo. O masoquismo moral considerado a forma mais importante de expressão masoquista, embora apenas recentemente tenha recebido a atenção da psicanálise segundo Hanns, se manifesta por uma sensação de culpa, em geral, inconsciente. Tanto nas formas do masoquismo feminino quanto no masoquismo moral, os atos reais são apenas a execução lúdica de fantasias, lembra Freud:

“Seus conteúdos manifestos podem ser: ser amordaçado, amarrado, surrado de forma dolorosa, ser açoitado, maltratado, obrigado à obediência incontestada, sujado e humilhado. Em casos mais raros, e apenas com grandes restrições, também incluem mutilações. É fácil interpretar que, na verdade, o masoquista quer ser tratado como uma criança pequena, indefesa e dependente e, acima de tudo, como uma criança desobediente e má”.
(Freud, 1924, p.108)

Roberta traz, repetidamente, um sentimento de *menos valia*. Esse sentimento tão forte movido pela inveja, a faz defender-se dos ataques dos outros, ataques que ela teme

e deseja, até mesmo na transferência, quando resiste tenazmente em avançar sua análise, sempre projetando na analista aquela que é capaz de conduzi-la, refugiando-se no vergonhoso papel infantil de vítima desamparada diante do outro violento. Desse modo, Roberta evidencia a satisfação de um sentimento inconsciente de culpa, que a satisfaz na injunção materna e superegógica do pai. Isso irá se repetir na relação com o namorado com quem pretende casar, idealizando que nesse casamento vai encontrar a solução de sua vida. Como se, submetendo-se ao outro e nesta submissão acompanhada de um certo prazer na dor, buscasse uma forma de não sentir a dor do desamparo.

Freud ao tratar do masoquismo moral, ensina que:

“neste não encontramos a condição básica de todos os outros sofrimentos masoquistas, isto é, que eles sejam causados pela pessoa amada e suportados somente porque dela emanam. Aqui o sofrimento que importa, parta ele da pessoa amada ou de uma figura qualquer. Ele pode ser provocado por forças ou contingências impessoais. Não faz a menor diferença, o verdadeiro masoquista, sempre que houver oportunidade, oferecerá a outra face. Assim, parece evidente que, neste caso, deveríamos deixar a libido de lado e nos restringirmos à suposição de que aqui a pulsão de destruição foi novamente redirecionada para dentro e atua violentamente contra o próprio Si-mesmo [Selbst]”. (Freud. 1924, p 111)

Roberta justificava-se na análise, revelando seu desapontamento consigo mesma, uma vez que reconhecia que se magoava, se chateava com todas aquelas situações repetidamente trazidas por ela às sessões, entretanto dizia que “como se aquilo passasse facilmente, parecia esquecer logo, logo, após o ápice das discussões. Ao mesmo tempo em que sabia ter que fortalecer-se para dar um fim naquela relação conturbada, tinha algo nela que se satisfazia com os conflitos.

Em casa ouvia o pai se autodenominar de “f” e, do namorado, debochadamente, “*que no final (das brigas), pedia penico*”. As atitudes do namorado se assemelhavam às atitudes paternas e apontam para as dificuldades em traduzir “*essas estranhezas paternas*” e por onde passava a raiva que o namorado nutria deste. Por outro lado, revelava amedrontada ser sua essa dificuldade com o pai e que precisava resolver isto, senão quando este morrer, ela não se perdoará. Como no final das brigas, reiteradamente se colocava na condição de culpada, se responsabilizando pelas agressões verbais do namorado. Nessas ocasiões, eu também me perguntava, silenciosamente, se ela realmente esquecera ou havia perdoado o que a mãe fizera com ela no episódio do copo de tapioca.

Birman no capítulo intitulado “A sustentável leveza do psicanalista: variações sobre o desamparo e a feminilidade”, ressalta:

“Na posição masoquista, o sujeito se agarra e se cola a um outro, oferecendo a este, em contrapartida, seu corpo como objeto de gozo, para assim evitar, custe o que custar, a tragicidade da experiência do desamparo. A solidão que esta experiência implica é insuportável para essas individualidades, de forma que elas preferem se agarrar à fábula fálica do outro do que suportar o real da angústia. Portanto, o que caracteriza a subjetividade masoquista não é o desejo primário de ser humilhado, ou tampouco o desejo de sentir dor. Esses são desejos que o perpassam, sem dúvida, mas de maneira secundárias, derivações que são da impossibilidade de suportar o desamparo. Com isso, o masoquismo é o oposto da angústia, sua contrapartida mais rigorosa, pois prefere-se a posição masoquista justamente para que a angústia do real seja afastada

... e prossegue adiante:

“Não é por acaso que a problemática do masoquismo assumiu a posição de centralidade no final do discurso freudiano. Isso porque, como presença quase obrigatória em todas as estruturas clínicas, o masoquismo evidencia a repulsa do sujeito ao desamparo, na qual este ocupa a posição de *servidão* face ao outro para evitar a dor e a solidão da experiência da feminilidade. Enfim, no masoquismo o sujeito busca um *senhor* e um *mestre* para se colar e se fundir com o intuito de evitar a dor do desamparo, mesmo que para isso se transforme em servo do outro. (Birman, 2005, p.47)

Quanto à Roberta, durante este período de tempo ficou noiva sem, contudo, garantir com isso o apaziguamento dos conflitos, que pareciam acirrar-se ainda mais com a aproximação de compromissos financeiros com a festa de casamento que ela tanto sonhava e desejava realizar, com a qual o noivo não concordava. Certo dia informou-me que partiria para uma terapia de casal “*na tentativa de salvar o casamento*” (que ainda não se realizara). Com a promessa de um dia voltar a se tratar individualmente, disse-me adeus. Provavelmente neste momento, já está casada com o seu agressor perpetuando assim a neurose familiar.

A análise propõe justamente a tentativa de passar pela castração com êxito. No dizer de Ceccarelli:

A grande genialidade de Freud foi de inventar uma teoria – a teoria psicanalítica – cujos pressupostos permitem compreender à alma humana e dar sentido a certos fenômenos psíquicos até então obscuros. A consequência disto foi de, em certa medida, aliviar o sofrimento – o sintoma que consome inutilmente energia – transformando o sofrimento neurótico na miséria humana cotidiana: sofrer com o que é sofrível, e não sofrer para gozar. (Ceccarelli, 1999, p.52)

O trabalho analítico também vai oportunizar a morte do pai introjetado primitivamente, possibilitando uma vida menos dependente dessas idealizações que tanto propiciam a ilusão passageira de indivíduos felizes, afortunados, eternamente bem sucedidos, como acabam por promover uma imobilidade bem característica da doença neurótica, mantendo o sintoma, a psicopatologia também se perpetua.

É justamente pelo sofrimento propiciado que a neurose se torna mais valiosa para a tendência masoquista, já dizia Freud em 1924:

“é instrutivo notar que, em oposição ao que propõe a teoria, e ao contrário de toda a expectativa, uma neurose que vinha resistindo aos nossos esforços terapêuticos pode surpreendentemente desaparecer assim que o paciente entra em um casamento infeliz, perde seu patrimônio ou contrai uma perigosa doença orgânica. Vemos, então, que uma forma de sofrimento foi rendida pela outra, era apenas uma questão de manter viva uma certa magnitude de sofrimento”. (Freud, 1924, p. 111)

No caso de Roberta a escolha de casar mesmo sabendo de antemão as dificuldades que poderá a vir a enfrentar não foram empecilhos à sua busca de alguém para se colar ou fundir, objetivando evitar a dor de desamparo. É possível atribui-se à análise um estar para além da realidade aparente, para além do desejo porque ao refletirmos sobre teorias, de alguma forma, estamos nos permitindo recriá-las através de nossa escuta e o nosso olhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BIRMAN, J. Mal-estar na atualidade : a psicanálise e as novas formas de subjetivação – 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005
- CECCARELLI, P. Identidade e instituição psicanalítica, Pulsional Revista de Psicanálise, São Paulo, ano XII, n. 125, p.49-56, set.1999
- ENRIQUEZ, Micheline. Nas encruzilhadas do ódio: paranóia, masoquismo, apatia / Micheline Enriquez ; tradução de Martha Gambini – São Paulo : Escuta, 1999.
- FORTES, I. Masoquismo e desamparo no sofrimento contemporâneo. Pulsional Revista de Psicanálise, São Paulo, ano 21, n. 4, p.27-38, dez. 2008.
- FREUD, S. (Carta 69) 1897, Rio de Janeiro: Imago, 1969, Vol. I, 1897.
- Romances Familiares. Rio de Janeiro: Imago, 1969, Vol. IX, 1909 [1908].
- Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIX, 1925.
- A organização genital infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX, 1923 b.
- A dissolução do complexo de Édipo. Rio de Janeiro: Imago, 2007. Vol. XIX, 1924.
- O problema econômico do masoquismo. 1924. Escritos sobre a psicologia do inconsciente, Vol III; 1923-1940 / Sigmund Freud; [coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns; tradutores Claudia Dornbusch...[et al.]; consultores da teoria da tradução João Azenha Jr. e Suzana Kampff Lages], - Rio de Janeiro: Imago, 2007
- Sexualidade feminina. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI, 1931
- Conferência 33: Feminilidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XXII, 1933 [1932].
- Análise terminável e interminável, Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XXIII, 1937 [1936].
- FUKS, L.B. Diferentes momentos da evolução feminina. In: ALONSO, Silvia Leonor; GURFINKEL, Aline Camargo; BREYTON, Danielle Melanie [Orgs.]. Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo. São Paulo: Escuta, 2002.
- NASIO, Juan-David. Um psicanalista no divã, tradução André Telles, Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed., 2003
- ZALCBURG, Malvine. A relação mãe e filha. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 11ª Ed.